

Indecisão e insegurança tomam conta de Sarney

BARTOLOMEU RODRIGUES

A minguada reforma ministerial anunciada pelo presidente José Sarney na semana passada serviu apenas para reforçar o estigma que o persegue desde que se sentou pela primeira vez na cadeira presidencial, no terceiro andar do Palácio do Planalto: indecisão e insegurança. Em várias ocasiões, essas características lhe valeram enormes prejuízos políticos, sendo o mais grave a abrupta queda de popularidade desde que hesitou em adotar uma série de correções no primeiro Plano Cruzado, que deu ao País, momentaneamente, a esperança de viver sem inflação galopante.

A administração do presidente José Sarney está sendo marcada por diversas crises de ordem política e econômica, culminando com o rompimento da Aliança Democrática, que o levou a refletir sobre o seu papel à frente do governo. Recolhido a reflexões que demoraram exatas duas semanas, Sarney dava indicações de que mudaria de fato a roupagem de um governo claramente dividido. Foi à televisão e se queixou dos políticos e dava todas as indicações de que tomaria para si o controle de tudo. Levou até o portavoza Antônio Frota Neto a comentar, para os jornalistas, que Sarney tem a característica de se recolher, mas só até determinado ponto — “depois, estoura”.

Mais tarde, o próprio Frota Neto corrigia: o presidente pensa duas vezes antes de dar um murro na mesa. Seu raciocínio é sobre as consequências desse ato, pois quem esmurra um objeto ou o quebra ou fere a mão.

O FIM DO “CLUBINHO”

O que parece mais claro no Palácio é que o presidente Sarney se torna cada vez mais indeciso, porque já não possui mais um círculo de amigos como no passado. Ao assumir o governo, o Palácio da Alvorada era conhecido como o “clubinho”, no qual tomavam assento, entre outros, os empresários Abreu Sodré, Dilson Funaro (mais tarde transformados em ministros), Mathias Machine e Murilo Mendes. A roda era ampliada, na maioria das vezes pela

presença do genro Jorge Murad e do advogado Saulo Ramos, que depois foi nomeado consultor-geral da República, onde está até hoje.

O círculo foi fechando a partir das primeiras crises, e Dilson Funaro, que compartilhava da admiração e até de certo afeto de Sarney — conforme confidencian assessores presidenciais —, acabou demitido. Hoje, o “clubinho” não se reúne mais, e perdeu até a graça da filha do presidente, Roseana Sarney, que se mudou para o Rio, abandonando o emprego de assessora, e não dá mais palpites sobre as atitudes do pai.

Preocupados com a insistência com que o presidente da República vem sendo chamado de inseguro e indeciso nos meios políticos, assessores palacianos começaram a apresentar alternativas para o próprio Sarney reverter essa imagem negativa. As entrevistas coletivas, realizadas a princípio a cada dois meses, foram a primeira experiência. Mas até agora o presidente não decidiu quando será a próxima... E, até para saber onde descansaria neste final de semana, deixou sua assessoria particular em polvorosa. Ele tinha em mãos dois convites: do governador Tasso Jereissati, para aproveitar o sol do Ceará, e do governador do Território de Fernando de Noronha, Fernando César Mesquita. Na sexta-feira à noite, depois de muito suspense, decidiu: o velho sítio de São José do Pericumã, nos arredores de Brasília. (Brasília/Agência Estado)